

PROJETO DE LEI Nº 74/2012

Denomina Logradouro Público “Estrada Municipal IAN 453 Chiquito Lara”

O Povo do Município de Itaúna, por seus representantes aprovou e eu, em seu nome, sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Denominar-se-à “***Estrada Municipal IAN 453 Chiquito Lara***” a via que tem seu início na Rua Chico Moraes (rua de ligação entre o bairro Garcias ao Povoado de Campos), e término na divisa dos Municípios de Itaúna e Carmo do Cajuru.

Art. 2º A Prefeitura Municipal de Itaúna providenciará a colocação de placas indicativas.

Art. 3º As despesas decorrentes desta Lei correrão por conta de dotações próprias do orçamento vigente do Executivo Municipal.

Art. 4º Revogadas as disposições em contrário, esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões, em 02 de Outubro de 2012.

Lucimar Nunes Nogueira
Vereador

JUSTIFICATIVA

Francisco de Moraes Lara, conhecido carinhosamente por Senhor Chiquito Lara, nasceu na cidade de Itaguara-MG. em 18 de agosto de 1911 e faleceu em 13 de março de 1980.

Senhor Chiquito era o filho mais velho de uma família de oito irmãos de um segundo casamento entre José Monteiro Lara e Norvinda Ferreira de Moraes.

Mudou-se para o município de Mateus Leme ainda jovem , onde exercia a atividade agropecuária, em uma propriedade rural em Juatuba, onde produzia, leite, carne, arroz, milho e feijão. Na propriedade havia também uma fábrica de cachaça, além de uma olaria para produção de tijolos a qual se orgulhava de dizer que quase 100% das casa de Juatuba, na época ter sido construídas com tijolos produzidos por ele.

Entre os negócios da família, tinha dois caminhões que transportava lenha para alimentar as caldeiras das primeiras indústrias da capital mineira e dois pequenos ônibus (jardineira), que faziam as linhas de Itaúna, Belo Horizonte e Betim a Belo Horizonte, com o nome de Norvinda e Filhos,Ltda. Com muita luta e trabalho a empresa chegou a ter quatorze ônibus.

Com a morte da patriarca da família o nome foi mudado para Empresa Irmãos Lara,Ltda. Essa empresa foi vendida e desmembrada em duas empresas, existente até os dias de hoje, são elas Viação Itaúna e Viação Santa Edwirges.

Com a segunda guerra mundial, a gasolina começou a ser racionada e a faltar no Brasil, pois o país dependia 100% da importação e para os ônibus e caminhões não parar, os irmãos mecânicos e motoristas da empresa, Paulo de Moais Lara e Teodorico de Moraes Lara, adaptaram os caminhões e ônibus para serem movidos a álcool, e a fábrica de cachaça foi transformada em fábrica de álcool para alimentar os veículos da empresa da família.

A produção de álcool era secreta, e para enganar o exército, a fábrica produzia aguardente durante o dia e a noite o próprio aguardente era redestilado e transformado em álcool combustível e transportado em pipas de 200 litros, antes do dia amanhecer e colocados em uma casa com forro falso abaixo do telhado e com isso conseguiu enganar os militares da época, já que produzir combustível era proibido.

Com o tempo a família conseguiu também legalizar a concessão da empresa, além da concessão de um posto de gasolina em Belo Horizonte, com intervenção de Oscar Dias Correia. Não existem documentos comprobatórios, mais esses podem ter sido os primeiros veículos movidos a álcool do Brasil.

Com a construção da Rodovia 262, a propriedade em Juatuba foi dividida ao meio, onde parte foi transformada em lotes, que hoje faz parte do centro da cidade de Juatuba e a outra abriga indústrias locais. A outra metade foi vendida para um médico de BH, que conservou a propriedade por toda sua vida, passando para herdeiros. Parte da fazenda pertence hoje a Clésio Andrade.

Francisco de Moraes Lara, o filho mais velho, sempre teve vocação para produtor rural. Junto com os irmãos, Sebastião Lara e Duca Lara, adquiriu a Fazenda do Angico, de propriedade na época de Joaquim Antunes Vilaça. Mais tarde Chiquito Lara adquiriu a parte do irmão Duca Lara.

Para se chegar a Fazenda do Angico, distante 12 Km do centro de Itaúna, existia praticamente uma trilha de carro de boi e para chegar o primeiro veículo na fazenda, de propriedade dos dois irmãos, um Jeep de fabricação americana. Essa trilha foi transformada em uma estrada rudimentar, ligando a sede da Fazenda do Angico até Itaúna. A estrada terminava na sede da fazenda, que virou ponto de parada de tropeiros que vinha da região central do Brasil, às vezes com mais de

1000 cabeças de gados e cerca de 50 tropeiros ficavam na fazenda. A sede da fazenda transformou-se em um verdadeiro entreposto, pois todos os fazendeiros traziam sua produção agrícola e animais até a sede da fazenda e de lá eram transportados para Itaúna.

Em dezembro de 1958, Chiquito Lara, foi até a Fazenda da Mata, hoje Fazenda do Açude, de propriedade do Senhor Antônio Custódio e Joaquim Custódio, no Povoado das Cunhas, município de Carmo do Cajuru, hoje Bom Jeus de Angicos, para comprar algumas reses. Acabou adquirindo algumas cabeças de gado e de brinde ganhou cinco carneiros. O gado, o Antônio Custódio ficou de levar no dia seguinte, porém os carneiros, o Senhor Chiquito Lara decidiu levar naquele mesmo dia. Antônio Custódio era solteiro, mas criava os quatro filhos órfãos do irmão Josias, carinhosamente chamado de Jusa.

O irmão do Senhor Antônio Custódio, Josias Ozório da Cunha, havia falecido aos 32 anos de idade, vítima de tuberculose e sua esposa Luzia Maria da Cunha faleceu seis meses depois, da doença fogo selvagem.

Josias deixou quatro filhos, três mulheres, Maria, Lúcia, Ana (falecida) e Ozório. A irmã mais velha, Maria Luzia da Cunha estava no convento estudando para ser freira havia dois anos e após a morte da mãe, foi chamada de volta para cuidar dos irmãos menores. No início enfrentaram muitas dificuldades e passaram até fome. Convidados foram morar com os tios Antônio Custódio e Joaquim Custódio. O que ninguém imaginava é que a segunda metade da estrada que liga Itaúna a Angicos começava naquele domingo à tarde.

Como era domingo, o Senhor Antônio Custódio pediu uma de suas sobrinhas, a Maria para que ajudasse o Senhor Chiquito a atrelar os carneiros. Maria do Jusa, como era conhecida, incumbida de sua tarefa, com astúcia e rapidez de uma moça criada na roça, amarrou os carneiros, prendeu num laço e entregou ao Senhor Chiquito Lara, que por sua vez prendeu o laço no arreio da mula e levou os mesmos para sua fazenda.

Encantado com a atitude da moça, Francisco Lara nem dormiu aquela noite. Na segunda de manhã conversou com um dos empregados sobre a encantadora moça que havia conhecido naquele dia. Mais tarde também conversou com seu irmão e sócio sobre a moça a qual pediu sua opinião, contando para ele que ela era órfã e morava com o dois tios solteirões.

Um empregado mais antigo da fazenda foi chamado e o mesmo falou dos costumes da região, que casamento se tratava com o pai da moça, mais naquele caso achava que teria de ser o tio dela, o Antônio Custódio.

Na mesma semana, Chiquito Lara vai até a fazenda do Senhor José Ozório, casado com a Senhora Sebastiana da Cunha, prima primeira de Maria do Jusa. Depois de um café e uma longa prosa, fica acertado que a Senhora Sebastiana, mais conhecida como Bastiana do Zé Ozório, ficaria incumbida de ir até a fazenda do Senhor Antônio Custódio, levando consigo a tarefa de comunicar ao Senhor Antônio, tio da moça, o interesse do Senhor Chiquito Lara em desposar sua sobrinha Maria.

No dia seguinte a Bastiana do Zé Ozório sai cedo com sua missão e a noite já está de volta com a concordância do Senhor Antônio Custódio, porém ficou acertado que o anúncio não seria feito naquele dia para a sobrinha.

A noite o Senhor Antônio Custódio, chamou o sobrinho Ozório e irmão da Maria confidenciou a conversa que teve com a Senhora Sebastiana sobre o interesse do Senhor Chiquito Lara. A princípio o irmão chorou um pouco e depois ficou feliz, pois sua irmã ia casar com um dos maiores fazendeiros da região. O segundo da família a saber foi o outro tio, Joaquim Custódio. Os três decidiram manter segredo até que Maria fosse informada.

Uma semana depois, num domingo, o Senhor Antônio Custódio recebe o seu futuro genro, Chiquito Lara, sem que a sobrinha soubesse o interesse de seu futuro marido.

Na outra semana, numa quinta-feira a noite, Antônio Custódio informou a sobrinha Maria que na sexta-feira ela não iria para a lida da roça, ia com ele para Carmo do Cajuru. Antônio Custódio reúne os sobrinhos, chama sua sobrinha e diz: “Vamos em Carmo do Cajuru comprar seu enxoval, você pode escolher o que quiser, você foi pedida em casamento pelo Chiquito Lara, eu aceitei, conversei com seu irmão Ozório e seu tio Joaquim, todos nós estamos muito felizes.

Ele é um homem trabalhador, próspero e íntegro. Além de seu enxoval, você vai comprar roupas novas para suas irmãs e seu irmão”. Maria não entendeu nada naquele momento.

Na sexta de manhã, antes de ir embarcar no trem da estação de Angicos, encomenda o irmão Joaquim que os esperasse a tarde na estação com um carroção de boi. Ao chegar a Carmo do Cajuru, se dirige a única loja da cidade, Antônio Custódio conversa com o proprietário e diz que sua sobrinha precisa de um enxoval completo do bom e do melhor. O proprietário da loja coloca tudo a sua disposição. Chegando de volta a Angicos, o irmão Joaquim Custódio, já na estação ferroviária de Angicos, carrega o carroção de boi com as compras e leva até a casa.

No dia seguinte, Antônio Custódio envia recado ao futuro esposo de sua sobrinha que deveria ir marcar o casamento. Chiquito então avisa ao portador que vai conversar com seus irmãos e aí então vai até a Fazenda da Mata para acertarem a data.

Na segunda-feira, Chiquito Lara fala para o irmão Sebastião Lara que chegou de manhã na fazenda. Os dois então vão para Belo Horizonte comunicar os outros irmãos. Na capital mineira os irmãos decidem que no dia do casamento entre os familiares e amigos seria necessário um ônibus da família e vários veículos para levar os convidados, alguns da capital, até Angicos. Então Sebastião informa aos outros irmãos que a estrada só ia até a sede da fazenda, o resto era apenas trilha de carro de boi. Ali mesmo os dois irmãos decidem que iam empenhar em deixar aquela trilha de carro de boi em condições de trafegar a jardineira (ônibus), que pertencia ao Duca Lara e fazia a linha do bairro de Santanense ao centro de Itaúna, além dos Chevrolet Brasil, os Jeeps e uma Ford F-75.

Os dois irmãos de volta a Itaúna, traçam alguns planos para a estrada. No sábado Chiquito Lara manda avisar ao Senhor Antônio Custódio, que no domingo chega lá para acertar uma data para o casamento.

Já na casa do Antônio Custódio, o Senhor Chiquito Lara falou o interesse dos dois irmãos em dar uma ajeitada na trilha, para que os veículos pudessem trafegar e chegar até a sede da Fazenda da Mata no dia do casamento. Então ficou acertado que duas frentes, uma partindo da Fazenda do Angicos, liderada pelo Senhor Chiquito Lara e outra da Fazenda da Mata

liderada pelo Senhor Antônio Custódio, daria condições aquela trilha de trafegar alguns veículos. Após algum tempo, outros fazendeiros aderiram a construção da estrada, cedendo carros de bois e mão de obra braçal. Durante a obra da estrada, foram construídas três pontes de madeira. Aí nasceu a segunda metade da estrada que liga Itaúna a Angicos. A construção da estrada terminou as vésperas do casamento em setembro de 1959.

O primeiro veículo a cruzar essa estrada que liga Itaúna a Angicos, foi uma caminhonete Pick-Up Ford F-75, com tração nas quatro rodas, carregada com barris de chope e barras de gelo, vindos da capital para o casamento, sendo conduzido pelo seu irmão Sebastião de Moraes Lara.

A construção dessa estrada alavancou o progresso do lugar, possibilitando que fazendas da região, fornecessem dormentes para a manutenção da ferrovia e lenha para alimentação das locomotivas.

Dessa estrada passaram milhares de postes de aroeira sobre caminhões, que possibilitou a Cemig levar energia elétrica a grande parte de Minas Gerais. Com o tempo a estrada foi melhorada pelas Prefeituras de Itaúna e Carmo do Cajuru, o que possibilitou a Festa de Jubileu de Angicos, visitas de milhares deromeiros de todo o estado. O Jubileu de Bom Jesus de Angicos é comemorado

no povoado até os dias de hoje.

Francisco de Moraes Lara, Chiquito Lara, casou-se com Maria Luiza da Cunha, no dia 09 de setembro de 1959, ele com 48 anos e ela com 24 anos. Ficaram casados durante 38 anos, tendo oito filhos, sendo sete homens e uma mulher, a saber: Helênio Antônio Lara, Antônio Carlos Lara, Francisco Agnaldo Lara, Elaine Aparecida Lara, Ronaldo Lara, Rômulo Silvio Lara e Márcio Roberto Lara.

Francisco de Moraes Lara, o “Chiquito Lara”, faleceu aos 78 anos de idade, em 12 de março de 1980, vítima de um câncer na próstata, segurando a mão de sua amada esposa, Maria Luzia da Cunha Lara, no Hospital São João de Deus, em Divinópolis, fundado por seu amigo a quem muito admirava, Geraldo Correia.

Maria Luzia da Cunha Lara, está com 79 anos de idade e conhece quase todo o Brasil, em excursões da Terceira Idade, é Ministra da Eucaristia e reúne quase todos os domingos para almoços com os filhos na sede da fazenda que a conservam até hoje.

No dia 14 de março de 1980, em seu velório na sede da fazenda, compareceu amigos, admiradores, políticos e religiosos. Antes da saída do cortejo, o então prefeito da época, Dr. Célio Soares de Oliveira, pediu a palavra e lembrou da construção da estrada e a mudança que aconteceu na região e sua contribuição para o progresso de Itaúna. Dos sete irmãos do Senhor Chiquito Lara, somente sua irmã Olga de Moraes Lara, ainda é viva, mora em Belo Horizonte, é casada, tem três filhos e está com idade 72 anos.

Sem sombra de dúvidas, Senhor Chiquito Lara foi um empreendedor que muito contribuiu para o progresso de nossa querida Itaúna.

Sala das Sessões 02 de Outubro de 2012.

Lucimar Nunes Nogueira
Vereador

DADOS BIOGRÁFICOS

NOME:

FRANCISCO DE MORAIS LARA

FILIAÇÃO:

JOSÉ MONTEIRO LARA e NORVINA FERREIRA DE MORAIS

NATURALIDADE:

ITAGUARA-MG.

NASCIMENTO:

18 DE AGOSTO DE 1911

FALECIMENTO:

12 DE MARÇO DE 1980

COMISSÃO DE JUSTIÇA E REDAÇÃO
RELATÓRIO
AO PROJETO DE LEI 74/2012
Gleison Fernandes de Faria
Relator

Tendo esta Comissão recebido em 03 de outubro de 2012, por parte da Secretaria Legislativa da Câmara Municipal, o do **Projeto de Lei nº 74/2012**, de autoria do **vereador, Lucimar Nunes Nogueira**, que “*Denomina Logradouro Público Estrada Municipal IAN 453 Chiquinho Lara*”, e tendo sido nomeado para atuar como relator, entendo que o mesmo é do campo temático e da área de atividade desta Comissão.

VOTO DO RELATOR

Assim, entende este relator que o supramencionado Projeto de Lei não fere as disposições legais e está devidamente instruído, estando apto a ser apreciado pelo plenário desta Casa.

Sala das Comissões, 16 de outubro de 2012.

Gleison Fernandes de Faria
Relator

COMISSÃO DE JUSTIÇA E REDAÇÃO
PARECER FINAL
Ao Projeto de Lei nº 74/2012

Diante da análise, bem como, da emissão do parecer exarado pelo Relator da Comissão, **Gleison Fernandes de Faria**, ante o do **Projeto de Lei nº 74/2012**, de autoria do vereador, **Lucimar Nunes Nogueira**, que “*Denomina Logradouro Público Estrada Municipal IAN 453 Chiquinho Lara*”, adotamos e acompanhamos o Parecer do Relator e somos **favoráveis à apreciação do Projeto em apreço pelo Plenário desta Casa.**

Sala das Comissões, em 16 de outubro de 2012.

Acompanham o voto do relator.

Márcio José Bernardes
Membro

Alex Artur da Silva
Presidente

COMISSÃO DE FINANÇAS E ORÇAMENTO

RELATÓRIO

O Projeto de Lei nº 74/2012 que Denomina logradouro público “Estrada Municipal IAN 453 Chiquito Lara”, recebido por esta comissão no dia 15 de outubro de 2012, de autoria do Vereador Lucimar Nines Nogueira, está devidamente instruído e apto a ser apreciado pelo Plenário desta Casa Legislativa.

Sala das Sessões, em 16 de outubro de 2012

Anselmo Fabiano Santos

Relator

Acompanha o voto do Relator os demais membros da Comissão de Finanças e Orçamento.

Alex Artur da Silva
Membro/Presidente

Gleison Fernandes de Faria
Membro

GVAFS(tob)